

Brasil

Chamem o Pérsio

A desindexação tucana, fe-
roz com o fraco e doce com
o forte, resultou numa pre-
visível confusão. Derrapou no Su-
premo Tribunal Federal, na Fiesp
e até mesmo na Força Sindical. Is-
so sucedeu porque se embebeu
um embuste em parlapatice e se
fabricou um monstrengo covarde.
Voltando um pouco no tempo,
sucedeu o seguinte:

No dia 12 de maio o cenáculo
de sábios da economia tucana
reuniu-se no Rio de Janeiro, no
velho Ministério da Fazenda. Fo-
ram mais de seis horas de reunião
e começou-se burilando a propos-
ta de um redutor para o cálculo
dos futuros reajustes salariais.
Por se chamar redutor, é desne-
cessário demonstrar que se desti-
nava a reduzir. O então presiden-
te do Banco Central, professor
Pérsio Arida, propôs que, em vez
do redutor, se partisse para uma
desindexação profunda. A prefe-
rência de Arida pela desindexa-
ção nada tinha a ver com a dis-
cussão do tamanho dos salários.
Ele apenas credi-
tava que chegara a
hora de se desa-
marrar a economia
brasileira da ex-
pectativa inflacio-
nária. A proposta
saiu vitoriosa em
tese, devendo-se
registrar o receio
do ministro da Fa-

zenda, Pedro Malan, que temia
uma onda de reajustes bem acima
da inflação.

Arida foi para casa e a desinde-
xação entrou na máquina de vaci-
lações do governo. Mantiveram-se
indexadas a máquina tributária
do Estado e o sistema financeiro.
Aos poucos, aquilo que seria um
rompimento de amarras, capaz de
fazer com que a sociedade brasi-
leira se visse obrigada a ter pavor
de inflação, voltou a ser um par
de algemas destinado apenas a
prender os salários. Chegou-se ao
ridículo ato falho em que o gover-
no explicitou na medida provisó-
ria a proibição de "aumentos
reais". Depois disseram que foi er-
ro de redação. Coisa nenhuma.
Foi um raro momento de sinceri-
dade. Mal terminou a confusão
provocada pelo texto da MP, sai-
ram do governo os sinais de que
se preparam aumentos de tarifas.
Assim se conseguiu informar aos
trabalhadores que o governo quer
apertar seus salários e expandir
os dele.

Tendo feito a coisa (a desinde-
xação dos salários) e o seu con-
trário (a indexação do capital),
manteve-se o grande cassino na-
cional em que a parte mais afor-
tunada da sociedade pode conti-
nuar apostando na inflação. Disso

resulta que se fez o contrário do
que propunha Pérsio Arida. Por
incrível que pareça, é possível que
o próprio ministro Pedro Malan
tenha feito o contrário do que
queria. O propósito do redutor
era reduzir, mas, ao contrário do
que diz a CUT, a consequência da
desindexação não é necessá-
riamente a contração. Vicentinho diz
que o governo está abandonando
os trabalhadores. Para as costu-
reiras da Baixada Fluminense,
vinculadas a um sindicato da For-
ça Sindical, Vicentinho está falan-
do sânscrito. Desindexadas, tive-
ram 20% de aumento real na se-
mana passada. Se isso é uma ex-
ceção ou uma tendência, só o tem-
po e a capacidade de mobilização
dos sindicalistas poderão dizer.
Uma coisa é certa: durante 30
anos a proteção do governo fez os
ricos mais ricos e os pobres mais
pobres.

O melhor que há a fazer é cha-
mar o Pérsio. Pode-se fazê-lo com
tranquilidade, porque não há a
mais remota possibilidade dele
aceitar algo mais
que café do gover-
no. Basta ouvi-lo.

A desindexação do tucanato carnívoro deu no contrário do que queriam

**Desmanche peri-
goso** — O governa-
dor Mário Covas
recebeu do seu an-
tecessor, Luiz An-
tônio Fleury Filho,
o Marechal do Ca-

randiru, um Estado quebrado e
desmoralizado. Há mais de seis
meses está enxugando o oceano
com um balde de criança e, quan-
to mais economias faz, maior fica
o buraco que lhe é imposto pela
política de juro do governo fede-
ral.

Para evitar perda de tempo, im-
pôs às fundações ligadas ao palá-
cio cortes porcentuais sobre seus
orçamentos. Em alguns casos pe-
diu 30% das despesas previstas
para o ano. Não é a forma mais
inteligente de reduzir gastos, mas
era a única que tinha à mão. Ela
está desandando na Fundação
Sistema Estadual de Análise de
Dados, o Seade. Trata-se do me-
lhor serviço de estatísticas esta-
duais do País. Vem sendo copiado
em diversos Estados e tem como
clientes prestigiosas instituições
acadêmicas. Na semana passada
passou-se a faca em 60 funcioná-
rios, há outros 80 na fila e a lista
poderá chegar a 220. São do Sea-
de as estatísticas de emprego e de
qualidade de vida que mostram
como vive o paulista. Covas corre
o risco de descobrir no fim do go-
verno que desmantelou o único
organismo capaz de fornecer nú-
meros seguros para demonstrar
que sua passagem pelo palácio foi
uma boa coisa para o Estado.